

FERNANDES MARTINS, O PROFESSOR

O nosso Professor, o MESTRE, porque não dizê-lo, se sempre assim o considerámos?

O Mestre socrático de gerações carecidas de um Platão.

Gostaria, como todos os outros que o ouviram, de poder transmitir a sua mensagem controversa de, ao mesmo tempo, entusiasmo e desencanto pela ciência e pela vida.

Gostaria de poder reproduzir, com a eloquência do seu discurso, a genialidade dos diálogos estabelecidos entre o Mestre e o espírito do discípulo imaginado, onde a dúvida era propositadamente insinuada e cultivada. Através destes diálogos metafóricos, monologados em expressão teatral, FERNANDO MARTINS comunicava o seu mundo de contradições. E o fazia com a mesma força na apologia arrebatada do fundo social e do alcance político da Geografia ou na defesa amarga do cepticismo com que desacreditava as ideias e a autoridade dessa mesma Ciência.

Essa Geografia, definida por ele como um cesto de papéis.

A polémica contida na expressão deste conceito, às vezes proferido numa atitude quase interrogativa, demonstra o conflito de quem acreditou e fez, se desiludiu e, sem coragem de destruir ou de radicalmente desacreditar, se refugia ora na especulação intelectual e idealista, ora na dialéctica prática (ainda que erudita) e dessacralizante.

Sempre, velada ou ostensivamente, manifestava a insatisfação e a apatia de um «Vencido da Vida».

Que aprendemos afinal com o Mestre, para além da ciência retirada do seu cesto de papéis?

Porque se conservam na mente as suas aulas e conversas, se repetem as suas expressões, reflectindo-o na memória com um fascínio sempre renovado?

Porque aprendemos a aprender sem ambição, a crescer sem vontade de ser grandes. E aprendemos que na Universidade é rara esta lição.

MARIA EUGÊNIA S. A. MOREIRA